CHRONICA OCCIDENTAL

E dizem que não ha dinheiro! Não, ha para quem o não tem, mas ha muito quem o tenha, muito quem, se o não tem, finge bem tel-o e lá o arranja d'algum modo e a prova de que dinheiro não falta são as dezenas e dezenas de contos de réis que já sobejam ás victimas do naufragio da Povoa de Varzim, que d'um dia para o outro viram a caridade portugueza levar-lhe pela porta dentro mais dinheiro do que nunca lhes tinham levado os seus homens, os seus ganha pão, aquelles pobres e heroicos pescadores que tanto labutavam pela vida e que a perderam tão horrorosa e estupidamente nas furias do vendaval.

Eu disse Caridade portugueza, e talvez a phrase não seja d'um rigor muito verdadeiro: deveria talvez juntar á caridade, a moda, a vaidade, e mesmo um bocadinho da *betise humaine* d'essa *betise* que é eterna no espaço e no tempo, que é de todas as epocas e de todos os paizes, e que decerto tambem collaborou n'esta obra commum.

Mas em summa essa obra foi tão grande, tão santa, tão justa, e tão benemerita; a Caridade, a verdadeira Caridade teve n'ella tão nobre, tão expontaneo e tão valioso papel, que offusca completamente todos os outros collaboradores embora elles não sejam isentos de peccado, collaboradores que alias raras vezes deixam de entrar na factura das coisas mais grandiosas e mais bellas que se confeccionam n'este mundo de Christo.

O resultado das subscripções, dos peditorios e das festas em favor das victimas do norte foi deveras notavel, como já aqui dissemos, mas o resultado da ultima festa, da kermesse promovida por Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia excedeu toda a espectativa, foi realmente assombroso.

Em tres dias e quatro noites que tantos durou a kermesse, a receita excedeu a 20 contos de réis!

Deve porém confessar-se que a kermesse teve um brilho excepcional, foi uma verdadeira festa para toda a cidade, que se associou gostosamente, alegremente ao pensamento da Rainha.

O aspecto do Colyseu dos Recreios, onde a kermesse se realisou era deveras deslumbrante.

Quando a festa se annunciou ali, choveram de todos os lados os commentarios, as opiniões.

O local é muito mal escolhido, dizia-se. Uma kermesse n'um recinto fechado! Uma kermesse n'um Circo, quando ha ahi a Tapada da Ajuda, o Passeio da Estrella, o Jardim da Polytechnica, o Jardim Zoologico, a Avenida da Liberdade!

E cada qual aventava um sitio que lhe parecia melhor do que o outro, e toda a gente agourava mal da kermesse no Colyseu.

Pois senhores! a festa realisou-se no Colyseu novo e são todos obrigados a confessar que se sob o ponto de vista do pittoresco, da amplitude, e de propriedade para uma grande kermesse poderia haver local mais conveniente, sob o ponto de vista de commodidade do publico e de rendimento de entradas difficilmente se encontraria local melhor do que o Colyseu das Portas de Santo Antão.

E vamos lá que mesmo como pittoresco não deixou muito a desejar o aspecto do Colyseu, que era realmente magestoso, imponente.

A arena, e todo o local das cadeiras estava perfeitamente desoccupado e livre á circulação do publico; as barracas, armadas em torno do Circo, nas bancadas da geral, estavam todas adornadas com muita elegancia, algumas com notavel riqueza e apresentavam um conjuncto gracioso e em extremo variado.

Eram onze as barracas, dez de sortes e uma servindo de buffete e ornamentada pelo Raphael Bordallo Pinheiro com aquelle alto tom artistico e distincta originalidade que logo denunciam o seu notabilissimo bom gosto de artista de raça.

Não tentaremos, a descripção do aspecto da kermesse, e não a tentaremos já por difficil e já por inutil, porque cremos que pouquissima gente haverá em Lisboa que não atravessasse em alguns d'esses quatro dias de festa e de enchente permanente, a vasta sala do Colyseu.

D'entre todas as barracas destacava-se pela riqueza da sua ornamentação a barraca das Rainhas, toda ornamentada com magnificos pannos de Arras, colchas, avelanches de flôres, profusão de luzes e uma enorme lanterna com vidros encarnados, que produzia deslumbrante effeito.

Sobre essa barraca projectavam a sua luz theatral quatro focos de luz Drumont collocados sobre a tribuna real.

N'essa barraca vendiam sortes Suas Magestades a Rainha D. Amelia e a Rainha D. Maria Pia, a promotora d'aquella notavel festa: El Rei, o sr. infante D. Affonso, Sua Alteza a Princeza Helena, o duque de Orleans, a sr.ª duqueza de Palmella, as sr.as condessa de Villa Real e de Sabugosa, D. Josepha Sandoval, D. Eugenia Niza, D. Rita Barros Gomes e Madame Petre.

As outras barracas eram occupadas: uma, pelas damas de Sua Magestade, outra pela sr.ª condessa de Valbom, viscondessa da Andaluz, ministra de Hespanha, etc.: outra, pela sr.ª condessa de Valenças, condessa da Anadia, de Villar Secco, viscondessa de Alferrarede, D. Patrocinio Barros Lima etc.; outra, pela sr.ª marqueza de Rio Maior, viscondessa d'Asseca, condessa de Paraty, D. Thereza Penamacor, etc.; outra pela sr.ª condessa de Ficalho, de Lagoaça, viscondessa de Taveiro, D. Constança Pombeiro, D. Branca Ferreira Pinto, etc.: outra pelas sr.as marqueza da Praia, m.elles Vanzellers, D. Maria Francisca Borges de Medeiros; outra pelas srs.as condessa de Burnay, D. Alice Anjos, m.elles Munró, etc. outra pelas sr.as condessa de Penalva d'Alva, de Magalhães, d'Almedina, etc.

A redacção das *Novidades* teve tambem uma barraca onde os seus redactores e suas familias vendiam sortes, jornaes, etc.

Durante os dias e noites da kermesse cantaram e dançaram no palco do Colyseu cantigas e bailes populares camponezas de Vizeu e de Arcozello, vestidas com os seus pittorescos *costumes* e que vieram expressamente das suas terras para tomarem parte n'estas festas.

Alem d'essa novidade que agradou, mas que não fez um grande sucesso, como decerto faria se em vez de camponezas de Vizeu e de Arcozello tivessem vindo de Vianna e do alto Minho, onde os costumes são muito mais formosos, e as mulheres tambem, porquanto as que appareceram no Colyseu não deviam muito á formosura, tocou durante os dias de kermesse uma orchestra de amadores e orchestra de artistas, sob a direcção do illustre maestro Victor Hussla e a banda da guarda municipal.

Resumindo a kermesse do Colyseu foi das festas mais deslumbrantes e mais *reussies* que se tem feito em Lisboa e o seu resultado foi como já dissemos realmente assombroso.

E é tambem para notar a boa ordem, a alegria, a cordealidade e o socego que n'esses quatro dias reinou permanentemente n'aquelle Colyseu onde se acotevellava sem cessar uma multidão superior a treze mil pessoas.

Não houve a mais pequena desordem, não houve um desaguisado e quanto dariam todos os soberanos da Europa para poderem estar assim n'aquella fraternal convivencia durante quatro dias com o seu povo, como estiveram os nossos reis sem que um só momento tivessem que se arrepender da confiança justificadissima que tem na estima que o povo lhe dedica, na cordura e na delicadeza que distingue o povo portuguez de todos os povos do mundo.

E o espectaculo d'essa união intima e amigavel de todas as classes sociaes, do rei com o povo, de governantes com governados, foi com certeza uma das notas mais sympathicas, mais bellas e mais consoladoras d'essa brilhante festa que marcará época entre as mais brilhantes que tem havido em Lisboa.

* * *

Appareceu já no *Diario do Governo* o edital do concurso para a adjudicação do theatro de S. Carlos.

A adjudicação é feita por cinco annos, e sem subsidio, como aqui dissemos em tempo.

Absolutamente sem subsidio não, porque o governo se lhe retira os 25 contos de réis annuaes que até agora eram dados ao theatro de S. Carlos toma a seu cargo ainda a despeza da illuminação e do aquecimento do theatro, — o que nos faz suspeitar que o governo tenciona pôr caloriferos em S. Carlos, o que bem necessario é — e a despeza com o scenario e guarda roupa e montagem d'uma opera nova cada época, opera nova que a empreza é obrigada a pôr, e que com certeza porá, porque sendo a montagem d'essa opera, feita a expensas do governo é clara que a empreza só tem a ganhar com isso.

A despeza com a montagem da opera nova será estipulada no contracto definitivo, o que não nos parece muito practico porque não é facil calcular essa despeza, dadas as exigencias de *mise-en-scene* das operas modernas, que na sua maior parte tem como principal *clou* o grande espectaculo.

Emquanto a despeza com a illuminação do theatro, o contracto não diz — pelo menos nas transcripções dos jornaes onde o lêmos — se esse encargo do governo é somente nas 60 recitas, numero minimo dos espectaculos que a empreza é obrigada a dar, se em todas as recitas que a empreza tem o direito de dar na época lyrica, que pode ser dos mezes que ella quizer, se ainda em todos os espectaculos quer d'opera italiana, quer de qualquer outro genero com que entender dever explorar o theatro, pois se á empreza convier ter todo o anno o theatro aberto, nenhuma condição do programma se oppõe a isso e dado este caso não sabemos se a despeza do estado com o theatro não chegará ou mesmo excederá a dos 25 contos de réis do antigo subsidio.

O edital do concurso não falla em assignatura nem reconhece direitos de assignantes no que entendemos que o governo faz muito bem, deixando isso perfeitamente a cargo da empreza e dos particulares; a empreza se lhe convier fará ou não fará assignaturas, e os assignantes negociarão as condições d'essa assignatura como entenderem.

Emquanto a imposições de companhia as do actual programma são muito mais suaves que as dos anteriores, e em vez dos dois quartetos d'artistas de merito superior, só se exige um quarteto de 1.ª ordem, uma dama, um tenor, um barytono e um baixo.

Emquanto a preços o governo tambem d'esta vez não estipula maximos, e só exige da empreza que no principio de cada época submetta á sua approvação a tabella dos preços, que depois de approvada não poderá ser alterada durante essa época, nas recitas ordinarias, que, como já dissemos, nunca poderão ser menos de 60, e sendo a empreza obrigada a dar recitas ordinarias nos domingos, dias santos e dias de gala.

O concurso é aberto pelo espaço de 30 dias e citão-se já nomes de muitos concorrentes, mas é claro que a esse respeito nada se sabe ainda de definitivo.

Apezar de se retirar o subsidio de 25 contos parece-nos que a adjudicação do theatro este anno offerece mais vantagens para a empreza que a tomar do que nos annos anteriores, já pelas menores exigencias de companhia, já pela faculdade de levantar os preços, e o theatro de S. Carlos agora póde ser muito melhor negocio tanto para os emprezarios como para o publico.

Que assim seja!

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

EXEQUIAS DE D. PEDRO II

NA EGREJA MATRIZ DA BOA-VISTA EM PERNAMBUCO

A morte de D. Pedro II, deu causa — como não podia deixar de dar — ás maiores manifestações de pezar e de luto, em todo o Brazil, e todos os corações brazileiros, pondo de parte as suas divergencias politicas, se associaram a essas manifestações, que foram o justo preito ao imperador destbronado, que veio acabar seus dias no exilio, talvez incurtados pelas saudades da patria que ella tanto amava.

A cidade de Pernambuco manifestou o seu pezar, celebrando solemnes exequias, na egreja matriz da Boa Vista, no dia 28 de janeiro passado.

Foram imponentes essas exequias e d'ellas encontramos uma noticia no jornal a *Era Nova*, publicado no Recife, que passamos a extractar.

«Por iniciativa de uma commissão composta dos Srs. Visconde de Tabatinga, Drs. José Bernardo Galvão Alcoforado, Manoel do Nascimento Machado Portella Junior, Pedro Francisco Correia de Oliveira, coronel Augusto Octaviano de Sousa, Vigario Augusto Franklin Moreira da Silva, foram celebradas as exequias do modo o mais pomposo e solemne.

O bello templo achava se caprichosamente decorado, ostentando pesadissimo luto. Nas paredes, nas varandas das tribunas, nos pulpitos e no côro, que se achavem forrados de preto, estavam collocados disticos contendo textos da Sagrada Escriptura, as datas das diversas phases da vida de D. Pedro, e o nome de todos os municipios do Estado. No meio da nave erguia-se um riquissimo e soberbo catafalco com milhares de velas accesas.

Sobre um grande estrado assentavam seis columnas em que se lia os nomes dos membros dos

ministerios organisados por D. Pedro. No meio d'estas columnas viam-se quatro pyras ardentes circumdando a figura de um indio representando o Brazil, tendo na mão esquerda a bandeira imperial em funeral.

Em plano superior assentavam vinte columnas symbolisando as vinte provincias do Brazil encimadas pela corôa imperial que attingia ao tecto da Egreja, no centro das quaes salientava-se o retrato do finado Imperador, envolto em crepe.

No altar-mór tambem forrado de preto, destacava-se sobre o throno, a santa imagem do Crucificado que presidia, em toda a sua magestade divina, aquelle acto de piedade christã.

O catafalco de que não podemos dar senão uma pallida idéa, era um primor artistico, que pela primeira vez foi visto n'esta capital.

Presentes as pessoas mais gradas da sociedade pernambucana, consules de diversas nacionalidades, magistrados, lentes da Academia de Direito, representantes do exercito e armada e da guarda nacional, commerciantes, advogados e uma immensa massa popular que enchia completamente o templo, teve começo o acto religioso pelas 10 da manhã. Pouco antes de dar-se começo ao officio, uma commissão da Associação dos Voluntarios da Patria, que veio assistir aos funeraes, depositou junto ao catafalco uma rica grinalda de flôres artificiaes, da qual pendia uma larga fita roxa com o seguinte distico: *Saudade e gratidão dos Voluntarios da Patria.*

Foi uma expressiva e tocante manifestação da gratidão que ia n'alma d'aquelles heroes que denodadamente se bateram nos campos do Paraguay e a quem o velho Imperador consagrava uma affeição sincera e illimitada.

Presidiu o officio funebre o Ex.^{mo} Sr. Bispo Diocesano D. João Esberard, tendo no solio, como presbytero assistente o Rev.^{mo} Chantre da Cathedral de Olinda José Marques e diaconos os Rev.^{mos} conegos Dr. Francisco do Rego Maia, vigario geral do bispado, Antonio Fabricio de Araujo Pereira, Reitor do Seminario e ex-Governador do Bispado; sendo diaconos da missa os Rev.^{mos} Vigario Manuel Candido das Chagas Gondim e José de Freitas Machado e cerimoniario no solio o Rev.^{mo} Francisco de Miranda Curio.

O sr. bispo celebrou a missa de pontifical.

A grande orchestra regida pelo talentoso maestro Rosas executou a commovente missa de *Requiem* de Mercadanti.

Estiveram presentes ao officio o Cabido, Capuchinhos, Carmelitas e Clero em numero superior a trinta sacerdotes, que com a maior expontaneidade e gratuitamente se prestaram a dar grande solemnidade ao piedoso acto.

Ao findar a missa subiu á tribuna sagrada o Rev.^{mo} sr. Vigario Augusto Franklin Moreira da Silva que, n'uma bella, inspirada e bem elaborada oração funebre em que revelou toda a fulguração de sua mascula intelligencia, fez o elogio do Grande Morto—historiando detalhadamente a sua vida, patenteando o papel saliente por elle representado no decurso do seu governo na scena politica do paiz; as suas alegrias e os seus soffrimentos, as vicissitudes que o engrandeceram e o tornarão digno da admiração dos posteros, e sua glorificação em vida pelos exemplos de abnegação que deu quando banido de sua patria, que tanto estremecia.

Impossivel nos é, dar ao menos em synthese a notavel peça oratoria, que a par de grandes verdades historicas tantas bellezas continha.

Terminou o officio funebre com as absolvições do tumulo que foram dadas pelos Rev.^{mos} Chantre da Cathedral, Arcediago Dr. Luiz Francisco de Araujo, Conegos Vigario Geral e Reitor do Seminario e a ultima por S. Exc.^{a} Rev.^{ma} o sr. Bispo Diocesano.

A convite da Associação Commercial todo o commercio fechou as suas portas e o mesmo fizeram os bancos nacionaes e inglezes, dando assim um testemunho de veneração á memoria d'aquella gloriosa individualidade que tudo envidava para o engrandecimento da Patria.

Os consulados conservaram as bandeiras em funeral.»

A nossa gravura representando o catafalco, é reproducção de uma photographia que o nosso bom amigo sr. Luiz Abrances de Figueiredo, teve a amabilidade de nos enviar e que agradecemos.

LOPO VAZ DE SAMPAIO E MELLO

II

O talento de Lopo Vaz de Sampaio e Mello affirmou-se de um modo notavel no resto do seu curso. Estudante de primeira ordem, era um dos lentes que a Universidade para si cubiçava, e seu pae desejava muitissimo que elle se doutorasse. Para condescender com esses desejos, entrou Lopo Vaz no sexto anno do curso de direito, anno dos doutorandos, mas era grande a sua repugnancia pelo doutoramento, porque não desejava ficar em Coimbra. Do seu tempo de escudante datam algumas obras que elle publicou e que não enumeraremos, porque não é o nosso fim, como dissemos, traçar a biographia do illustre estadista. Apressamos a nossa marcha para chegarmos depressa ao momento em que o conhecemos pessoalmente e em que as nossas reminiscencias pessoaes possam servir para os futuros biographos. Diremos apenas que a lista das obras a que alludimos se encontra no 13.º volume (6.º do *Supplemento*) do *Diccionario Bibliographico*. Esse volume é já escripto pelo sr. Brito Aranha.

Foi durante o ministerio do bispo de Vizeu que Lopo Vaz veio pela primeira vez ás camaras, favorecido pelo partido reformista. Muitas vezes o accusaram depois de ter abandonado, o partido em que primeiro se alistára para se enfileirar depois no partido regenerador. A verdade é que n'essa época os partidos atravessavam uma crise semelhante á que atravessam no momento actual. O ministerio, que se formou depois do ministerio dos cem dias, compunha-se dos elementos mais heterogeneos. Os partidos tinham-se alliado para derrubar o ministerio do duque de Saldanha, e tiveram parte na victoria. Só depois na camara é que se começaram a formar os differentes grupos, saindo os ministros reformistas em consequencia de uma moção regeneradora. Lopo Vaz retirou-se para sua casa, tendo apenas, por assim dizer, atravessado a camara. O partido reformista, que teve uma existencia ephemera, estava em plena dissolução, e que pôz termo a fusão dos partidos historico e reformista, consignado no famoso pacto da Granja. Quando tornou a entrar activamente na vida publica, Lopo Vaz vinha franca e resolutamente regenerador.

Proposto como deputado pelo circulo de Braga em 1875, não foi eleito triumphando o sr. conde de Bertiandos. Não se podia Lopo Vaz melindrar com a derrota, porque teve ella um caracter perfeitamente local. Braga, sempre melindrosa e susceptivel, estranhou que tivessem proposto um candidato pelo seu circulo sem previa annuencia dos eleitores. Ergueu se como bandeira de autonomia eleitoral da terra, o nome do sr. conde de Bertiandos, e, como era de esperar, venceram os autonomistas. E' curioso porém que Lopo Vaz foi quem d'ahi a pouco tempo teve em Braga maior e mais solida influencia. Parece nos que foi esse circulo o ultimo que elle representou na camara dos deputados.

Em 1877 foi que entrou na camara por uma eleição supplementar. Pouco durou o ministerio a que elle vinha dar o seu apoio. Pouco depois de aberta a sessão, ou pouco antes d'ella se abrir, saiu do poder o sr. Barjona de Freitas, ministro da justiça, a quem se encostavam mais os novos deputados, Lopo Vaz, Marçal Pacheco, Julio de Vilhena, Neves Carneiro, etc. Para o logar de Barjona de Freitas foi transferido Antonio Cardoso Avelino, que era ministro das obras publicas, e para o logar vago que este deixou entrou Lourenço de Carvalho.

Mas o ministerio assim reconstituido não fez senão arrastar se. Em maio de 1877 pediu a demissão, e era chamado o marquez de Avila, que formou um ministerio anodino, com um elemento porem extremamente hostil ao gabinete que saira, o novo ministro das obras publicas, Barros e Cunha. O parlamento não foi dissolvido; portanto a maioria continuou a ser regeneradora. Quando porém se abriu a sessão de 1878, a maioria, que até ahi apoiára o governo, mostrou se adversa principalmente a Barros e Cunha. Votou-se uma moção de censura. N'esse debate, em que tomaram parte alguns dos mais notaveis oradores da camara, tendo sido o primeiro a fallar e a apresentar a moção de censura o sr. José Dias Ferreira, revelou Lopo Vaz as suas eminentes qualidades. O proprio presidente do conselho entendeu que precisava de lhe responder. No primeiro vôo chegou logo Lopo Vaz ás maximas alturas parlamentares.

Em janeiro de 1878 formou-se o ministerio regenerador que teve uma vida ephemera. O proprio Fontes entrára com repugnancia no poder. As eleições tinham assegurado ao governo uma forte maioria, mas tinham trazido á camara numerosos deputados opposicionistas. Fontes, que tinha o segredo que todos desconhecem hoje das rapidas e promptas resoluções não hesitou um instante. Na sessão parlamentar de 1879 demittiu-se. Durante esse governo fôra Lopo Vaz nomeado director geral das contribuições indirectas, logar de que não tardou a pedir a demissão, mas em que deu provas do seu conhecimento dos negocios.

Com a queda do ministerio regenerador entrou finalmente no poder o partido progressista. Como era natural, o partido que caiu declarou-se em absoluta hostilidade, e foi Lopo Vaz nas camaras dos deputados quem fez uma declaração que importava uma dissolução do parlamento. Não se demorou, e nas renhidas eleições que se travaram veio Lopo Vaz como deputado opposicionista. Foram dois annos de rija campanha os que então se seguiram, e Lopo Vaz militou sempre nas primeiras fileiras. Em todas as grandes batalhas teve elle uma victoria. Em 1881, na famosa questão dos coroneis, pronunciou elle um discurso admiravel, que enleiou completamente todos os membros do governo. Chegou emfim a questão de Lourenço Marques, não lhe resistiu o ministerio progressista. Recusando Fontes a presidencia, é chamado Antonio Rodrigues Sampaio, e o novo presidente de conselho levou como ministro da fazenda Lopo Vaz de Sampaio e Mello.

Pinheiro Chagas.

GRISELDA

LENDA DE PIEMONTE

(Conclusão do n.º 478)

V

CONSTANCIA DE GRISELDA

Logo que Gualter se viu sósinho chamou um antigo servidor, seu muito afeiçoado que o servia lealmente havia mais de trinta annos e a quem elle explicou o seu designio mandando-o aos aposentos da marqueza.

— Minha senhora—disse o creado ao acercar-se da marqueza de Saluces — digne-se v. ex.ª perdoar-me a triste missão de que estou encarregado mas... o sr. marquez pretende vosso filho.

A estas palavras Griselda recordou-se do que lhe havia dito Gualter e julgou que elle mandava buscar sua, filha para lhe dar a morte. Suffocou todavia a sua dor immensa, reteve as lagrimas prestes a soltarem se-lhe, e, sem desprender o menor gemido, sem balbuciar a mais pequena queixa, foi ao berço, pegou na creança, fitou-a ternamente por muito tempo, depois, fazendo-lhe na fronte o signal da cruz, beijou-a pela ultima vez e entregou-a ao emissario.

Este veiu contar ao seu amo o raro exemplo de coragem e submissão de que acabava de ser testemunha. O marquez não poude deixar de admirar a virtude sublime de sua mulher, mas, quando viu chorar em seus braços aquella linda creança, esses vagidos lhe penetraram na alma e ficou tão commovido que esteve prestes a desistir da sua cruel prova.

Conteve-se no entanto, e recobrando toda a sua energia, ordenou ao velho servidor que fosse a Bolonha levar secretamente a menina a casa da Condessa d'Empecho, sua irmã, pedindo-lhe para que a fizesse crear e educar debaixo das suas vistas, mas de sorte que pessoa alguma, nem mesmo o proprio conde, marido d'ella, tivessem conhecimento d'este mysterio.

Cumpriu o servidor fielmente esta missão. Pela sua parte a condessa não duvidou em encarregar-se da menina e de a fazer crear no maior segredo, como lhe era recommendado pelo seu irmão.

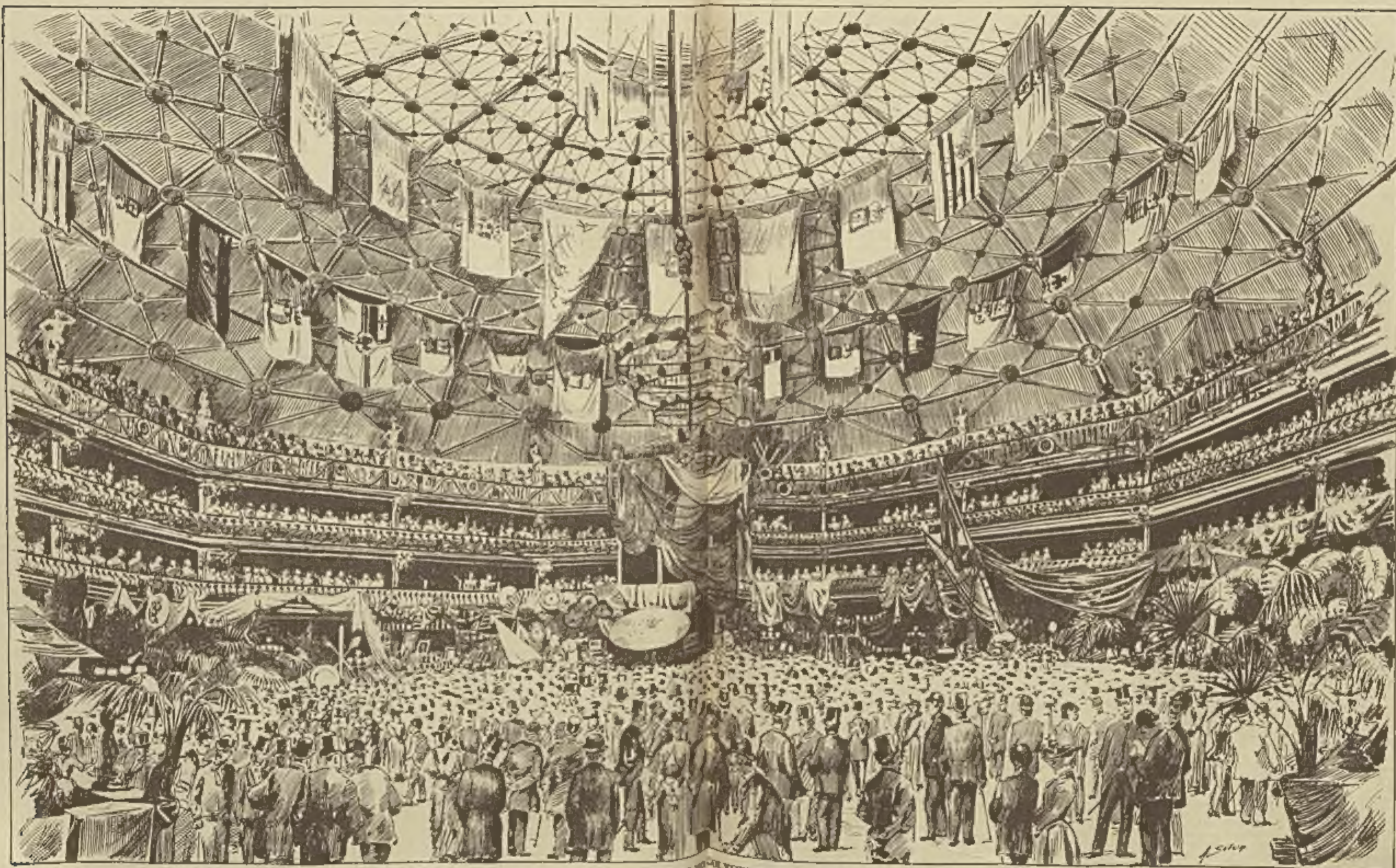
Depois d'esta separação o marquez e sua mulher viveram como d'antes. A's vezes Gualter prescrutava a physionomia de sua esposa e buscava ler-lhe nos olhos algum signal de resentimento ou de dôr. Vã tentativa!... Aquella mulher extraordinaria nem um apice havia perdido do seu respeito e affeição conjugaes. Jamais alguem lhe viu no semblante a menor apparencia de tristeza, jámais se lhe ouviu pronunciar deante de seu marido, ou na sua ausencia, o nome de sua filha!

E comtudo ella soffria, e as mães que o imaginem.

VI

SEGUNDA PROVA

Quatro annos assim se passaram, no fim dos quaes Griselda deu á luz um filho que veiu completar a ventura do pae e a alegria dos subditos. Griselda alimentou a creança aos seus peitos como havia acontecido com a outra, mas, logo que esse filho bem amado completou os dois annos o marquez destinou-o a que elle servisse ainda de prova á paciencia e docilidade de Griselda.

OS NAUFRAGIOS DO NORTE

A KERMESSE NO COLYSEU DOS RECREIOS

PROMOVIDA POR SUA MAGESTADE A RAINHA SENHORA D. MARIA PIA, EM BENEFICIO DAS FAMILIAS DOS NAUFRAGOS DO NORTE. — DIAS 2 A 5 DO CORRENTE. — VID. *CHRONICA OCCIDENTAL*.

(Desenho de A. Silva)

Dirigindo-se pois a sua mulher, Gualter expôz-lhe, pouco mais ou menos, as mesmas razões que já haviam servido para a separar de sua filha....

Que doloroso golpe não havia de soffrer o coração d'esta mulher incomparavel quando, ao recordar-se de que já havia perdido sua filha, viu que tambem lhe iam roubar esse filho adorado, sua unica esperança, unico enlevo que lhe restava!

Qual será, não queremos já fallar da mãe terna e carinhosa que estremece por seu filho, mas ainda da mais indifferente, qual será a mãe que a uma tal noticia possa reter o pranto e callar as dores que lhe despedaçam o coração? Rainhas, princezas, marquezas, mulheres de todas as condições e gerarchias da sociedade ouvi, escutae a resposta da marqueza de Saluces a seu marido, e aproveitae o exemplo:

— Caro senhor meu, diz ella, jurei outr'ora e ainda novamente vos juro: *jámais quererei senão o que vós quizerdes*. Quando ao transpôr aquella porta eu me destitui dos meus pobres vestidos de camponia, depuz com elles a minha propria vontade para não mais reconhecer senão a vossa. Que não me seja possivel adivinhal-a antes d'ella se exprimir!... Vereis, meu querido e meu senhor, como os vossos desejos seriam prevenidos e postos em pratica. Já vol-o disse: disponde de mim em tudo que vos aprouver. Se quereis que eu morra n'isso consinto porque a morte, — acreditae-o, — é nada em comparação do vosso desagrado.

Gualter estava cada vez mais assombrado. Outro qualquer que não conhecesse Griselda tomaria tanta firmeza d'alma pela mais completa insensibilidade, mas elle, que mil vezes havia presenceado a ternura de sua mulher pelos seus filhos, e o carinho maternal com que ella os amamentava não podia attribuir tanta coragem senão ao amor e dedicação sublimes que sua esposa tinha por elle.

Mandou pois, como da primeira vez, o seu fiel emissario buscar o menino e o fez conduzir a Bolonha, onde a creança foi educada conjunctamente com a sua pequena irmã.

VII

TERCEIRA PROVA

Depois de tão terriveis provações, Gualter devia estar bem seguro de sua mulher e não tratar mais de a mortificar, mas ha corações desconfiados que sacrificio algum os póde serenar e para os quaes os abalos dolorosos dos outros é um prazer delicioso.

A marqueza não sómente parecia ter esquecido a sua dupla dor, mas de dia para dia Gualter a achava cada vez mais terna e carinhosa. E, não obstante, elle propunha-se ainda a attribular o coração d'essa mulher admiravel!...

Tinha sua filha doze annos, e oito seu filho. Desejando vel-os, o marquez pediu á condessa sua irmã para que lh'os trouxesse. Ao mesmo tempo elle fez correr o boato que ia repudiar sua mulher para tomar uma outra.

Não tardou que esta barbara noticia fosse ter aos ouvidos de Griselda. Dizia-se que era esperada uma juvenil dama, de alto nascimento, e formosa como uma fada, para ser a futura marqueza de Saluces.

Se ella ficou consternada com similhante acontecimento que se imagine. Armou-se todavia de coragem e esperou que aquelle a quem ella devia obedecer se dignasse dar-lhe as suas ordens.

Com effeito o marquez de Saluces não tardou a chegar com muitos dos seus barões e fallou a sua mulher nos seguintes termos.

— Griselda, ha mais de doze annos que vivemos juntos. Não devo occultar que me considerei feliz por ter tido por companheira uma mulher na qual tive em mais consideração as suas virtudes que o seu nascimento, mas agora é-me preciso um herdeiro: meus vassalos assim o exigem e Roma acaba de conceder-me que eu tome uma outra mulher. Effectivamente ella já vem a caminho e portanto prepara-te para te retirares. Dou-te uma pensão importante digna d'aquella que foi marqueza de Saluces.

Com ella poderás continuar a viver tão opulentamente como tens vivido até aqui. Leva comtigo as tuas joias e todo o teu guarda-roupa e chama em teu auxilio toda a tua coragem.

— Senhor marquez, responde Griselda, sempre tive a intima convicção que a filha do pobre Janicola, a humilde aldeã, não era talhada para tornar-se vossa esposa, e, n'este palacio em que me transformaram em grande senhora, em senhora absoluta de tudo, tomo a Deus por testemunha que d'isso não me considero digna. Deixo sem pena, pois que tal é a vossa vontade, a casa onde passei os mais bellos dias da minha existencia e volto a viver na cabana que me viu nascer. Ahi poderei continuar a prodigalisar os cuidados a meu velho pae que me vi forçada, mau grado meu, a deixar entregue em mãos estranhas e mercenarias. Em quanto á pensão de que me fallaes, bem sabeis, senhor, que eu com um coração casto só vos pude trazer a pobreza, o respeito e o amor. Todas as joias e vestidos que possuo eu vol-os devo: são vossos. Permitti que eu deixe essas galas e que retome os trajos que me pertencem e que ainda conservo guardados. Eis ahi o annel nupcial que me destes ao tomar-me por esposa. Sahi pobre de casa de meu pae, pobre ali entrarei, para lá nada quero levar senão a honra de ser a *viuva* irreprehensivel d'um tal esposo.

O marquez ficou de tal sorte commovido que não poude suster as lagrimas e foi obrigado a sahir para as occultar.

Griselda despojou-se dos seus bellos vestidos, de suas joias e enfeites, retomou os seus trajes rusticos, e voltou para a sua aldeia.

Barões, cavalleiros e damas todos em multidão a acompanharam. As damas derramavam copiosas lagrimas e lamentavam tanta desdita elogiando tanta virtude e abnegação. Só Griselda não chorava. Ia caminhando cabisbaixa, meditabunda e silenciosa.

Assim chegaram á cabana de Janicola que com isto não se mostrou admirado. Esse casamento sempre lhe havia parecido suspeito e nunca duvidou do que poderia acontecer. O ancião abraçou ternamente sua filha, e sem exprimir colera nem dor, agradeceu com a maior placidez ás senhoras e cavalheiros que a tinham acompanhado e os exortou a bem amar o seu senhor e a servil-o lealmente.

Imagine-se que tristeza não sentiria no intimo d'alma o bom Janicola ao pensar que sua filha, depois de tantos annos passados no regaço da opulencia e no fastigio do poder, ia amargurar o resto da sua existencia, nos horrores da miseria e na carencia, a mais completa, dos regalos da vida!...

VIII

A VIRTUDE RECOMPENSADA

Entretanto o conde e a condessa d'Empêche, seguidos de grande numero de damas e cavalleiros, já iam caminho do castello, faltando-lhe apenas um dia de viagem para chegarem a Saluces. Com elles vinham os dois meninos.

O marquez para consumar a sua ultima prova mandou chamar Griselda, que logo veiu a pé e vestida com o seu trajo de aldeã.

— Filha de Janicola, lhe diz elle, é amanhã que chega minha futura esposa, e, como não sei de pessoa alguma no palacio que melhor do que tu conheça o que me pode ser agradavel, e como desejo que ella seja recebida o melhor possivel, bem como minha irmã, meu cunhado e toda a mais comitiva que os acompanha, achei que seria conveniente encarregar-te dos cuidados da sua hospitalidade.

— Senhor, são tantas as mercês que vos devo que não póde haver um só dia que seja d'aquelles que Deus tem ainda de conceder-me que eu o não empregue, como um dever, em prevenir os vossos desejos e executar tudo quanto fôr do vosso agrado.

E em seguida correu logo a dar as ordens aos officiaes e creados e ella propria foi ajudar aos diversos trabalhos e preparar a camara nupcial assim como o thalamo destinado áquella, cuja chegada tinha sido causa do seu repudio.

Logo que a joven noiva appareceu, longe de Griselda deixar escapar á sua vista signal algum de commoção; longe de, ante ella corar pelos andrajos com que se lhe apresentava, mas risonha e agradavel, saudou-a respeitosamente e conduziu-a até aos seus aposentos. Mas, ainda mais, Griselda por um instincto secreto, do qual ella não podia adivinhar a razão, sentia mesmo um tal ou qual prazer em ter junto a si os dois meninos e não podia deixar de os observar gabando tanta gentileza e formosura.

A hora do festim chegou.

Quando todos estavam á mesa o marquez chamou Griselda e mostrando-lhe a joven, que estava vestida com uma riqueza deslumbrante, perguntou-lhe o que pensava a seu respeito.

— Meu senhor, responde Griselda, não podieis escolher nem mais formosa nem mais amavel, e se Deus attender ás supplicas que eu dia a dia lhe fizer, conto que sereis inteiramente felizes. Mas, por piedade, meu senhor, poupae a essa joven os golpes dolorosos que tanto teem afistulado o meu pobre coração; mais nova que eu, e creada entre todos os mesmos cuidados e melindres, ella, a debil creança, não saberia talvez resistir e... morreria.

A estas palavras as lagrimas saltaram dos olhos do marquez. Já não podia dessimular mais, e, admirando aquella doçura inalteravel, aquella virtude cujo brilho nada havia podido empanar, exclamou:

— Ah Griselda! minha bem amada Griselda! é muito! Já não posso mais! Tenho feito para experimentar o teu amor mais do que nunca nenhum homem ousou na terra imaginar, e não tenho encontrado em ti senão obediencia, ternura, fidelidade!!! Basta pois. Já sei de sobra quanto vales; não ha mulher alguma que possa egualar-te. E's um anjo de doçura, de resignação e de bondade!..

Então Gualter caminhou para Griselda, que humilhada d'estes louvores, havia modestamente baixado a cabeça, e estreitando-a nos braços, e orvalhando-a de lagrimas, ajuntou em presença d'aquella numerosa assembleia estas palavras:

— Mulher incomparavel; só tu no mundo és digna de seres minha esposa bem amada; tu serás para sempre a minha querida companheira. Julgavas-me o algoz de teus filhos; pois bem; elles vivem; olha... minha irmã nol-os traz. Eil-os aqui. Vê-os; repara bem n'elles eis aqui a tua filha que julgavas morta, eis tambem o teu querido filho.. E vós, meus filhos, vinde ambos ajoelhar aos pés de vossa mãe...

Griselda não poude supportar tanta alegria e cahiu desfallecida. Logo que pelos soccorros que lhe foram prestados ella voltou a si, tomou novamente os dois meninos e cobrindo-os de beijos e ardentes lagrimas reteve-os estreitados contra o coração por tanto tempo... tanto, que custou a separal-a d'elles.

Todos choravam n'esta assembleia, mas depois da commoção passada, não se ouviam em todo o palacio senão exclamações de jubilo e de admiração, e esta festa — este memoravel festim — que o amor do marquez havia preparado, tornou-se um verdadeiro triumpho para Griselda.

*
* *

No dia seguinte Gualter mandou vir para o palacio de Saluces o velho Janicola, que elle não havia negligenciado senão para melhor depurar no crysol da incerteza as raras virtude de sua esposa.

Janicola acabou o resto de seus dias cheio de honras e veneração e os dois esposos viveram ainda vinte annos na união mais perfeita e casaram seus filhos, dos quaes ainda chegaram a ver os herdeiros.

Foi na mais completa felicidade que os marquezes de Saluces deram a alma ao Creador, deixando a seu filho o morgado conjuntamente com o grande amor, estima e respeito dos seus subditos, que n'elle viram o retrato fiel de seus excellentes paes.

Dizem as chronicas que esta historia se passou no Piemonte, nos começos do seculo XI. D'ella existem narrações manuscriptas uma na bibliotheca de Chartres e outras na bibliotheca do Vaticano. Parece que foi d'esta ultima que Boccacio extrahiu o ultimo conto de seu famoso *Decameron*. Petrarcha verteu este conto para latim no seu livro *De Obedientia et Fide uxoria*, e depois imprimiu-o em separado sob o titulo: *Epistola ad Johannem Florestinum poetam, de Historia Griselidis, mulieris maximé constantie et potientie.*

Frederico Halm fez d'ella uma tragedia que teve grande successo na Allemanha.

Em 1395, vinte annos depois da morte de Boccacio, um poeta anonymo escreveu um *Mystère de Griselides, marquise de Saluces, et sa merveilleuse constance, appellée le Miroir de dames mariées.*

Muitas outras producções, em prosa e verso, se teem feito sobre o assumpto, deturpando-o mais ou menos.

Legrand d'Aussi, deu um extracto d'este conto em prosa. Olivier de la Marche incluiu-o no seu livro de contos: *Le parement des Dames.*

Deker, Chettler e Hanghton, poetas no reinado de Isabel d'Inglaterra, compozeram esta lenda para o theatro, com o titulo: *The pleasant comadie of patient Grissill*

Muitas operas italianas se teem escripto quasi todas tiradas do libreto italiano do poeta Apostolo Zeno.

Os maestros foram: Chelleri, Predieri, Pollarolo, Capelli, Orlandini, Scarlatti, Bononcini, Conti, Vivaldi, Latilla, Poccini, Paer etc.

Quasi todas estas operas, cantadas em differentes cidades da Italia, obtiveram vivos applausos.

Ultimamente M. M. Armand Sylvestre e Eugê-

ne Morand compozeram sobre o assumpto um mysterio, em 3 actos, prologo e epilogo, que acaba de ser primorosamente traduzido, em magnificos versos, pelo sr. conde de Monsaraz *(Antonio de Macedo Papança)* e representado no theatro de D. Maria. A peça vem com o simples nome de — GRISELIA —.

Tem sido porem recebida friamente pelo publico, que já não gosta de mysterios, nem mesmo em scena, ainda que elles sejam escriptos em linguagem finamente burilada e representados, *hors ligne*, pelos nossos primeiros actores.

E, realmente, o publico que frequenta os nossos theatros, habituando-se á litteratura realista, aprecia mais, — muito mais — as *pochades* e allusões *au double sens*, que lhe promovem a risada alvar, de que as sublimidades de qualquer peça moral da edade media — ou mesmo da edade moderna — que o emocione e lhe disperte a idéia que ainda póde existir o amor da religião e a virtude sobre a terra.

E' questão de gosto, mas questão que revela bem a degeneração das raças latinas.

Silva Pereira.

O CRIME DOS TAVORAS

ROMANCE HISTORICO

POR

Oliveira Mascarenhas

VII

A's nove horas da noite do dia dois de setembro de mil setecentos e cincoenta e oito, caminhava apressadamente pela rua direita de Belem um individuo alto, joven e bem parecido, embuçado n'um amplo capote negro, e parava de quando em quando para certificar se se seria ou não seguido.

Depois de muito caminhar, pois que havia sahido d'uma pequena casa situada no Alto da Pampulha, parou em frente d'um palacio esplendido, cêrca dos Jeronymos, o qual já não existe ha quasi seculo e meio. (¹)

Pelas ruas nem viva alma.

N'aquelles tempos, Lisboa, vivia vida patriarchal.

Só negocios de muita urgencia conseguiam arrancar os pacatos burguezes de suas casas, pelo receio que tinham de transitar nas ruas, que, depois de certa hora, eram tão sómente frequentadas pelos larapios, libertinos e policia da inquisição.

Era aquella, pois, a habitação ordinaria de D. José de Mascarenhas, marquez de Gouvêa e duque de Aveiro.

O embuçado mirava-a por entre as espessas sombras da noite, e apurava depois o ouvido junto do portão principal, sem que conseguisse ouvir outra coisa que não fosse o ruido monotono d'uns passos cadenciados e pesados.

Afastou-se seguidamente para sitio opposto e entregou-se a intimas considerações.

A magestosa habitação do duque, dava idéa, áquella hora, d'esses temerosos castellos medievaes, onde se reuniam as bruxas e os vampiros, de que rezam as tradições.

As suas ameias e torreões, recortando o espaço entenebrecido, pareciam outros tantos phantasmas segredando entre si horrorosas profecias.

Samuel — pois que era este o embuçado —, quasi que tinha medo.

Abeirou-se de novo do portão do palacio, collou o ouvido á monumental fechadura, — e o mesmo silencio... os mesmos passos.

— Deverei bater? interrogava-se.

E outra vez se affastou d'alli, tomado d'irresolução invencivel, para ir pensar maduramente no convite do titular... n'aquella especie de mysterio.

— Que me quererá o duque?

O mancebo, que não ignorava das intrigas que lavravam no paço contra o fidalgo, sabia que não poucos nobres e frades, nutriam um odio figadal por Sebastião José de Carvalho, o qual por seu turno, estudava, aperfeiçoava e punha em pratica o systema esmagador de D. João II, no tocante á fidalguia.

Entretanto o orphão estava bem longe de conhecer o que frades e nobres concertavam de commum accordo contra El-Rei e seu ministro.

Mudo e concentrado, permaneceu assim alguns minutos, até que o rodar d'um enorme vehiculo lhe attrahiu as attenções.

Samuel, observando o andamento da sege, viu que esta parava junto ao palacio do duque, e que abrindo-se o portão, alguem se apeára e déra entrada no pateo.

Ligeiro como um gamo, deu dois saltos em direcção da porta, e encontrou-se em face d'um sujeito magro, alto e mal encarado, que exercia as funcções de porteiro da casa.

— Quem procura? perguntou elle sêccamente ao mancebo, medindo-o, com uns pequeninos olhos, desde a cabeça aos pés.

— Procuro o nobre duque d'Aveiro, respondeu Samuel.

— S. ex.ª não falla a estas horas; e, de mais a mais, tem hoje reunião.

— Perdão: Eu sou um dos convidados...

— O quê?!... interrogou o serviçal do duque, deixando passar um sorriso de escarneo atravez d'uns dentes esverdeados e pôdres.

— Repito: sou um dos convidados de seu amo.

— O senhor está por força a brincar commigo. Pois s. ex.ª ia lá convidar para os seus salões um sujeito tão mal vestido!...

— Lacaio! Na tua presença está um fidalgo honrado, ainda que infeliz.

Foram pronunciadas com tal energia, por Samuel, estas suas ultimas palavras, que o gallego, attonito, deu dois passos á rectaguarda e levou machinalmente a mão ao seu immenso bonnet de cinta prateada.

— Mas, perguntou com brandura, quem deverei eu annunciar ao senhor duque?

— Samuel d'Alencastre; respondeu o mancebo, ainda impressionado com a grosseria do molôsso.

Alguns instantes depois da scena que acabamos de descrever, era Samuel introduzido á presença do magnifico titular, que o recebeu com maneiras d'affecto e de distincção.

VIII

Ao findar o anno de mil setecentos e cincoenta e oito, era voz geral que a nobreza d'estes reinos, de mãos dadas com os jesuitas, tramava á occultas contra a corôa, em razão do alto valimento que ella dispensava a Sebastião de Carvalho, mais tarde marquez de Pombal; e, mais do que tudo, em consequencia da arrogancia e menos favor com que o ministro tratava os nobres, e do odio d'exterminio que nutria pelos *roupetas*.

Foi este ultimo, a nosso vêr, o motivo mais poderoso que arrastou meia duzia de fidalgos á esteril conspiração contra o soberano, a qual, tendo por exordio as miragens mais seductoras e irresistiveis, acabou pela desgraçada tragedia de Belem, que inquinou n'um banho de sangue a memoria do eminente estadista.

E, entretanto, o marquez de Pombal, recalcando todos os sentimentos de humanidade, foi obrigado a recalcal-os, desde que se via a braços com uma sociedade desmoralisada á sombra da indifferença, e dos perniciosos exemplos fornecidos por D. João 5.º, que, uma especie de partha devassissimo, abandonára o reino aos frades, e consentira á fidalguia todos os excessos e depravações.

. . . .

. . . .

Ora, a nobreza, não teria certamente posto em pratica a tentativa de regicidio, se os jesuitas, reduzidos ás suas justas proporções pela mão de ferro do ministro, e ameaçados ainda de futuros e justissimas perseguições, não houvessem recrutado e seduzido perfidamente um punhado de descontentes e irrequietos, entre essa mesma nobreza, os quaes pagaram por um modo brutal e repugnante o enorme e traiçoeiro crime que resolveram perpetrar.

A este tempo já os jesuitas esperavam indignados o golpe que apressaram pela aconselhada tentativa dos fidalgos contra a vida de D. José.

Benedicto 14.º, a instancias da côrte de Portugal, projectára já a reforma da companhia de Jesus, que era summamente desfavoravel aos interesses leoninos dos *roupetas*; e d'aqui, portanto, a raiva, o desespero no seu auge, e o supremo desejo de triumpharem do *simples mortal* que se dispunha denodadamente a pizar a cauda do *leão*, o qual, fortificado na unidade da ordem e nos seus processos cabalisticos, se tinha sabido sempre manter indomito, perante todas as épocas e os povos mais avançados.

. . . .

O duque d'Aveiro, esse, nutria dupla má vontade contra a gerencia d'estado de Sebastião de Carvalho: D'um lado a inveja do seu alto valimento e dos seus meritos incontestaveis; e do outro a recordação acerba da recusa que o monarcha lhe fizera, relativamente a determinadas commendas que o fidalgo pretendia, a qual recusa elle attribuia a conselhos do ministro.

Os jesuitas, acercando-se do estouvado e orgulhoso titular, sombrearam-lhe tanto este facto, — deram-lhe tal cunho de repugnancia a seus olhos, — diffundiram taes intrigas, que elle, o duque, jurou desde logo, aos perversos *roupetas*, tirar uma desforra condigna.

Como o louco se enganava!...

Os *sotainas*, tendo catechisado este martyr da ambição e da vaidade, continuaram no seu estudado caminho, e foram bater á porta da formidavel heroina do seculo 18.º... idolo dos portuguezes da Asia, após as proezas que praticára alli, quando seu marido exerceu nas nossas colonias o elevado cargo de vice-rei.

Era ella D. Leonor de Tavora, mulher de D. Francisco d'Assis, marquez d'aquelle titulo, e general inspector das cavallarias d'El-Rei.

A marqueza de Tavora, queixosa do soberano e do ministro, que lhe haviam por sua vez recusado a corôa ducal, não oppôz a menor resistencia aos planos dos jesuitas, os quaes, para conquistarem ainda o marquez de Tavora, filho, (Luiz Bernardo) inventaram e deram vulto a uns enredos amorosos em que fizeram figurar El-Rei e a esposa do alludido marquez.

Ganha a adhesão do magnifico duque de Aveiro, conquistada D. Leonor, que dominava o marido, e certa a victoria sobre seu filho Luiz Bernardo, os mais viriam sem esforço, já para lavarem nodoas de familia, e já para esboroarem um reinado que os affrontava e deprimia.

Os jesuitas abraçaram-se por ultimo em familia, e deram a ultima demão no seu quadro tenebroso, que aliás attrahira as sympathias dos fidalgos alliciados.

— Dos nossos esforços, concordavam elles, apenas nos poderá resultar um immenso beneficio, e nunca o mais ligeiro comprometimento, desde que não havemos de ser nós os assassinos d'El-Rei!...

Como elles se illudiram tambem!

(Continúa.)

(¹) O palacio do duque d'Aveiro, arrasado, e o chão salgado, em virtude da sentença de 12 de Janeiro de 1759, occupava todo o espaço comprehendido entre o chafariz visinho do largo dos Jeronymos, e a travessa que fica proximo da calçada do Galvão. Sobre o terreno salgado se levantou uma memoria para assignalar o crime e a punição do duque. Esta memoria tem a fórma d'um cylindro de cinco metros d'altura, em cuja extremidade inferior se lê a seguinte inscripção:

«Aqui foram arrasadas e salgadas as casas de José de Mascarenhas, exautorado das honras de duque d'Aveiro, e outras. Condemnado por sentença proferida na suprema junta d'inconfidencia, em 12 de janeiro de 1759. Justiçado como um dos chefes do barbaro e execrando desacato que na noite de 3 de setembro de 1758 se commettera contra a real e sagrada pessoa de D. José, 1.º — N'este terreno infame (!) não poderá edificar-se em tempo algum (!!)

Vid. OCCIDENTE, vol. IX pag. 278.

PANNOS DE ARRAZ

Estão no museu de Bellas Artes de Lisboa uns tapetes de panno de Arraz que foram, ha pouco tempo, encontrados n'uns armarios do ministerio da marinha.

Foi um encontro puramente casual. Um dos chefes de repartição d'aquelle ministerio, que é no mundo das lettras conhecido por um distincto critico de arte, o sr. Rangel de Lima, foi quem, vendo alguns d'aquelles pannos que se applicavam a resguardar da humidade o pavimento do gabinete, conheceu desde logo que eram ricos pannos de Arraz e de grande valor historico.

Eis a relação dos pannos encontrados, por nós obtida no ministerio da marinha: — quatro pannos muraes, dois vãos de janella, e trez sobreportas.

O primeiro mede 8m,33 por trez metros e representa dois episodios com estas legendas: *Processio Marci Aurelii — M. A. ægroto studium philosopis* (sic) *dissuadent*;

O segundo mede cinco metros por 3m,5. Tem tambem dois episodios, com estas legendas: *Canes hausto fontem expirant — Coronatio M. Aurelii*;

O terceiro mede 4m,95 por 3m,5 com a seguinte legenda: *Prælium M. Aurelii*;

O quarto mede 3m,10 por 3m,10 ornado com a legenda: *M. Aurelis reprehendit Faustinam*

O quinto e sexto não são *pannos muraes* como os que acabamos de indicar, são vãos de janella, ambos de eguaes dimensões, trez metros por 1m,45 representando uma figura cada um.

O setimo com as dimensões de 1m,85 por 0m,97, o oitavo com as de 1m,65 por 0m,98 e o nono com as de 1m,55 por 0m,55, são as sobreportas, representando paysagens com architectura e figuras.

Todos os pannos com excepção d'estes ultimos são marginados por tarjas ornamentadas com fes-sões de plantas, aves e figuras.

Segundo os entendidos estes pannos são de fabrico portuguez e devem datar da era de D. João V, o *magnanimo*.

Antigamente eram muito estimados estes pannos, e hoje tornam a sel-o pelo muito valor artistico e historico que incontestavelmente teem.

A lã é de camello, o que lhe dá uma fortaleza de tecido que resiste á acção dos seculos.

Parece que lhe vem o nome de Arraz, da cidade do mesmo nome, franceza, capital do antigo condado de Artois, pertencente á França desde 1640, tornando-se depois *chef de lieu* do departamento do Passo de Calais.

M. B.

REVISTA POLITICA

No dia 2 do corrente pelas 4 horas da tarde encerrou-se o parlamento, com uma sessão real, coisa que ha muito tempo não se fazia mas que d'esta vez se realisou com toda a solemnidade, cumprindo-se o que preceitua a Carta Constitucional.

Que ao menos se cumpra a lei em alguma coisa, já é de contentar, n'um paiz em que a mesma lei é lettra morta e em que cada qual arranja leis só para os outros.

Este caso das côrtes se encerrarem solemnemente, faz-nos lembrar aquelle pobre diabo que tendo passado toda a vida sem possuir coisa alguma não lhe faltaram á hora da morte os sacramentos, para que ao menos tivesse alguma coisa em sua vida.

Em seguida ao encerramento das côrtes, houve um jantar offerecido pelo sr. presidente do conselho aos srs. Barpa, José Luciano, Hintze Ribeiro, presidente da camara dos deputados, Vaz Preto, etc., aos primeiros homens dos partidos monarchicos, um jantar de boa amisade, porque emfim não ha nada para conservar as amisades como tratar com amor a barriga do proximo, e o que as melhores razões e argumentos muitas vezes não conseguem, alcançam-o triumphalmente um *vol-á-vent* de marisco ou uns frangos com ervilhas.

A este jantar succedeu-se um outro offerecido pela camara dos deputados ao sr. Antonio de Azevedo Castello Branco, presidente da mesma camara, o que tudo indica que os trabalhos parlamentares se concluiram na mais perfeita harmonia com grande contentamento de clero, nobreza e povo.

Isto tem-nos feito pensar nas vantagens que adviriam para o paiz em reconduzir a mesma camara para o futuro triennio legislativo, poupando-se as fadigas e despezas de novas eleições, o que não é para desprezar nem fadigas nem despezas attentas a mendrice publica e as economias necessarias.

Mas não succederá assim, porque se os taes jantares celebraram a santa paz que reina nas regiões politicas, tambem significam os preliminares dos trabalhos eleitoraes para o que é preciso entrar em accordo, entre o champagne e o charuto havano.

Pelo menos o movimento que começa a observar-se com os governadores civis e administradores de concelho, são os primeiros passos para a grande campanha eleitoral, essa grande empreza em que todos os governos põem os seus melhores cuidados e com que o povo folga ao cumprir o mais sagrado direito que a Carta lhe concede para eleger quem elle não conhece, o que não impede que os eleitos sejam considerados a expressão do voto popular.

Para alcançar esta expressão do voto popular é que se demittem todos os administradores de concelhos que não forem camaleões, e se fazem accordos entre os partidos, quando as conveniencias politicas exigem uma camara hermophrodita.

Tudo isto se vae preparando e a benevola attitude promette continuar a ser a politica a seguir, se as reformas em que tanto se tem fallado não vierem transformar a benevola attitude em desapiedada opposição.

A nós afigura-se-nos um problema difficilimo de resolver e conciliar a boa administração do Estado com a benevola attitude dos politicos, e se essa attitude continuar é signal certo que as reformas seguiram os processos já conhecidos e tudo continuará como d'antes, porque não póde ser d'outro modo, ora ahi está.

O peior de tudo isto, porem, são os possuidores da divida externa não se conformarem com a proposta do governo, segundo as ultimas noticias vindas de Paris. Essas noticias dizem que os credores francezes regeitaram as propostas do governo portuguez e vão intentar acção nos tribunaes francezes para tornar effectivos em França os direitos dos portadores da divida portugueza, etc., etc.

Não percebemos lá muito bem que especie de acção será esta e em que direito se funda. Não sabemos se a França nos mandará as suas esquadras dizendo-nos: — ou bolsa ou vida, mas o que tudo isto nos parece é um jogo de agiotas que querem fazer o seu negocio muito parecido com os senhorios que por cá exigiram aos seus inquilinos que lhes pagassem as rendas em ouro quando o governo mandava circular o papel por não haver metal para o trocar.

Os credores ao Estado não são só os francezes ou outros quaesquer estrangeiros infelizmente, os maiores credores são felizmente os portuguezes e toda e qualquer pendencia que possa haver sobre moratoria, concordata ou accordo para o pagamento aos credores do Estado, tem de ser resolvida nos tribunaes portuguezes, porque as leis são de cada paiz e quem não se quer sujeitar a ellas não faz negocios com esse paiz.

As violencias praticadas no Egypto ainda não foram absolvidas perante o Direito das gentes, para que sejam um exemplo a seguir, e muito mal vae á nação, que abusando da sua força, atropele os direitos de um povo, só porque lhe emprestou algum reaes e por que pede espera para lh'os pagar.

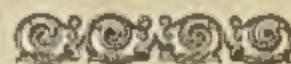
É preciso que o ouro cegue completamente esses prestamistas tão avaros do seu agio, para quererem uma lei especial para si em detrimento dos mais, e queiram lançar sobre a França um odioso de que ella não quererá ser solidaria para com uma nação amiga que lhe tem dado provas da maior sympathia.

Por aqui nos fiquemos aguardando os factos, e para que nem tudo sejam más novas ahi vae uma que mesmo agora ouvi ao meu pequeno mais novo, de uma precocidade marianno e que talvez possa aproveitar, na presente occasião.

— O papá! porque não faz o governo uma kermesse para arranjar dinheiro para tudo isto. Eu tambem lá ia comprar umas rifas a ver se me sahiam aquelles cavallinhos que andavam á roda e que ouvi dizer que era batota.

João Verdades.

CATAFALCO LEVANTADO NA EGREJA DA BOA-VISTA EM PERNAMBUCO NAS EXEQUIAS DE D. PEDRO II

(Segundo uma photographia enviada pelo sr. *Luís Abranches de Figueiredo*)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa fundada em 1875, 10.ª serie, n.os 1, 2 e 3 cujo summario é o seguinte:

O projecto de um edificio para séde da Sociedade. Caconda (Relatorio do agronomo da provincia ácerca dos trabalhos experimentaes e climatologicos d'aquella região). Crises alimenticias em Cabo Verde. O apostolo da India (Exposição do corpo de S. Francisco Xavier. La mission de Cassinga (Afrique occidentale portugaise); communication à Société de Géographie de Lisbonne, par le rev. P. Schaller, M. S. G. L. Archivo de Sociedade de Geographia (indice por assumptos e destinatarios da correspondencia expedida, nos annos de 1886, 1887, 1888, 1889 e 1890).

Archivo dos Açores, *publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana*, undecimo volume, n.º LXIV 1891. Ponta Delgada. Excellente publicação de grande subsidio para a historia.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 41